

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CURSO DE JORNALISMO

LUARA DA SILVA ROMÃO

O JORNALISMO E A ABORDAGEM DE PAUTAS RACIAIS:

UM ESTUDO DE CASO SOBRE O J10

Barra do Garças
2023

LUARA DA SILVA ROMÃO

Trabalho de Conclusão de Curso Final de Graduação, modalidade Monografia, submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Dr. Gilson Costa.

**O JORNALISMO E A ABORDAGEM DE PAUTAS RACIAIS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O J10**

Barra do Garças
2023

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade monografia, submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de curso aprovado em **07/06/2023** pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Gilson Moraes da Costa - Orientador

Profa. Dra. Luana dos Anjos Ramos - Convidado

Prof. Dr. Gesner Duarte de Pádua - Convidado

Conceito obtido _____

Barra do Garças

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

R761j Romão, Luara da Silva.

O Jornalismo e a abordagem de pautas raciais: Um estudo de caso do J10 [recurso eletrônico] / Luara da Silva Romão. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 59 f., il. color., pdf). -- 2023.

Orientador: Gilson Moraes da Costa.

TCC (graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Barra do Garças, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://bdm.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Telejornalismo. 2. Racismo. 3. Representatividade. 4. Identidade. 5. Pautas raciais. I. Costa, Gilson Moraes da,

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que mesmo a quilômetros de distância tem acreditado nas minhas capacidades e me incentivado a conquistar sempre mais.

Gostaria de dedicar também aos meus amigos conquistado através do curso ao longo desses anos, aos que estão próximos fisicamente e aqueles que por outros fatores não seguiram no campus. Aquela caloura em 2019 não imaginava criar laços tão fortes com outras pessoas e agora não se imagina sem tê-los de uma forma ou de outra na sua vida.

Por fim, gostaria de dedicar também a mim, inúmeras possibilidades passaram pela minha cabeça, nesse processo o medo e a ansiedade por vezes tentaram me sabotar, mas chegamos até o final de mais um desafio, bom, acredito que este momento mostra que apesar dos imprevistos, é possível chegar ao fim quando a uma rede de apoio.

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo primeiramente a Deus, que tem me cuidado e dado amparo em todos os momentos, sempre que um obstáculo surgia, ele me mostrava como superá-lo.

Gostaria de agradecer minha família, em especial meus pais, Vanderleide Alves e Sicinato Romão, não chegaria até aqui sem o incentivo de vocês que acreditaram nas minhas capacidades, mesmo quando eu mesma duvidei.

Agradeço também a minha irmã, Solane D' Paula, que me vê como uma super mulher e assim me incentiva a me tornar exemplo para ela.

A todos os meus amigos, saibam que são especiais. Obrigada por me acompanharem durante toda essa jornada, por não soltarem a minha mão, o carinho que tenho por todos vocês é imensurável.

Quero agradecer ao meu orientador, Gilson Costa, pela paciência, compreensão e suporte ao longo desses meses. Não chegaria até este momento sem seu apoio.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que de uma maneira ou de outra passaram pela minha vida durante esse processo, cada um de vocês teve um impacto e possibilitou que eu chegasse até aqui. Obrigada!

EPÍGRAFE

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista.

É necessário ser antirracista.”

Angela Davis.

RESUMO

Fazendo uso da metodologia de Estudo de Caso, a presente pesquisa investiga como pessoas negras são representadas no telejornal J10 da GloboNews. Buscou-se compreender como as narrativas sobre o racismo são conformadas nesse veículo e, de que maneira, o telejornal, enquanto dispositivo pedagógico (FISCHER, 2022), desenvolve as notícias de temática étnico-raciais. Com base na análise de um conjunto de reportagens selecionadas para esse estudo, foi possível refletir sobre o papel do jornalismo na denúncia social de casos de racismo, bem como no exercício de abordagem crítica sobre a herança escravocrata que ainda encontra ressonância em diferentes esferas da sociedade.

Palavras-chave: Telejornalismo; Racismo; Representatividade; Identidade. Pautas raciais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1.0 - RACISMO E ANTIRRACISMO NO BRASIL: REFLEXÕES PRELIMINARES	13
1.1 Identidade, Preconceito Racial e Mídia	19
1.1.1 Apontamentos sobre o racismo na mídia Brasileira	21
1.2 - A COR DA PAUTA: Protagonismo Negro na TV aberta e no telejornalismo	23
2.0 - DELIMITANDO O CAMPO DA PESQUISA: ESSA DISCUSSÃO TEM COR!	25
2.1 - Aparando as arestas: apontamentos metodológicos	29
3 ANÁLISE DE CASOS DO JORNAL DAS 10 DA GLOBONEWS	33
3.1 O Jornal das 10 da rede GloboNews	33
3.2 Justificando critérios metodológicos para a pesquisa	34
3.3 Análise das pautas selecionadas	35
3.3.1 "Filtragem racial"	35
3.3.2 "Policiais asfixam homem negro até a morte"	38
3.3.3 "Professora acusa mercado de racismo"	40
3.3.4 "Mulher que agrediu entregador tem licença suspensa"	43
3.3.5 "Ex atleta que agrediu entregador presta depoimento"	43
3.3.6 "Bailarina Ingrid Silva lança livro infantil"	45
3.4 Sobre narrativas majoritárias nas pautas analisadas: preconceito, estereótipos e superações	49
4.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação são meios necessários e essenciais para a produção de notícias e informações relevantes para a sociedade. Com a globalização tivemos uma expansão e um destaque desses veículos que puderam ultrapassar do espaço local para internacional. Atualmente, presenciamos uma diversidade numerosa de meios e veículos de comunicação e informação: temos rádio, TV, internet e diversas ramificações a partir desta última que, em sua essência, se apresenta como um ambiente multiplataforma e multimidiático- sites, revistas, podcast, cinema, livros, imprensa e propaganda.

As mídias são ferramentas que além de propagarem informações facilitam a comunicação entre os indivíduos e a partir desse contato são capazes de exercer influência na construção do pensamento e de atitudes. Não obstante, a mídia é considerada o quarto poder, afinal, em muitas ocasiões, aquilo que não é dito ou visto, não existe. A partir dessa informação ela exerce sua função na sociedade de legitimar a existência de algo, alguém, um acontecimento e exerce papel relevante na modulação da opinião pública.

Lima (2003) explica que a mídia, de forma concreta, pode ser definida como um conjunto de emissoras de rádio e televisão, sendo abertas ou pagas, de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa. A essa percepção, adicionamos as tecnologias advindas do processo de expansão da internet e de outros meios digitais.

Traquina (2022) aponta que mídia e jornalismo são distintos, mas de toda maneira estão interligados. Afinal, para que o jornalismo de fato seja realizado, é preciso entender o papel da mídia e a influência que possui o "quarto poder" na sociedade. Considerando seu crescente alcance, cada vez mais, precisamos de pesquisas no campo do jornalismo a fim de aprofundarmos a compreensão acerca de teorias macros, como teoria de agendamento, gatekeeper e teorias que regem os critérios de noticiabilidade.

Nesse contexto, Lippmann (2022), defende que os meios de comunicação são a principal ligação entre os acontecimentos do mundo e as imagens/interpretações que as pessoas têm acerca desses acontecimentos. Por

exemplo, os telejornais, a partir da forma que abordam e produzem narrativas, ligam os casos de racismo que acontecem na realidade e a percepção que as pessoas têm desses episódios de racismo.

Dentro do estudo do jornalismo, da construção de notícias, entende-se que aquele que escreve, o jornalista, realiza um recorte do que irá mostrar para o público que o vê, acompanha e lê suas matérias. Mas, como está sendo feito esse recorte na construção de matérias jornalísticas relacionadas ao tema do racismo? E mais, como a figura da pessoa negra é descrita? E de que maneira essa abordagem pode impactar na construção de identidade dessa parcela da população? Considerando a complexidade histórica e estrutural do racismo em nosso país, de que maneira poder-se-ia noticiar o assunto de modo a ampliar o entendimento sobre acontecimentos de cunho racistas e o combate ao racismo? É um debate um tanto quanto complexo, mas através das análises de conteúdos e discursos a serem realizados nessa pesquisa, buscaremos refletir sobre o comportamento de setores dos meios de comunicação nesse contexto.

O autor Carlos Hasenbalg, (1979, p. 114) descreve que

O racismo, como construção ideológica incorporada e realizada através de um conjunto de práticas materiais de discriminação racial, é o determinante primário da posição dos não-brancos nas relações de produção e distribuição (HASENBALG, 1979, p.114).

Com efeito, é necessário entender e combater o preconceito racial. Sem dúvidas, é um dos problemas que mais assola uma parte importante da população do nosso país. Por meio de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é possível evidenciar e problematizar a diferença discrepante entre brancos e não brancos (negros, pardos), considerando a situação econômica que vivem, os cargos que ocupam, o nível de escolaridade etc. Certamente os dados refletem a herança de uma sociedade escravocrata que está longe de superar as desigualdades sociais e raciais decorrente do colonialismo. O autor Mauricio de Azevedo Ferro (2016) destaca que:

é preciso, igualmente, falar em racismo e combatê-lo. Um dos males que assolam este país dito miscigenado é esse ideal de que aqui diferentes cores convivem na mais perfeita harmonia. Falácia. O

racismo à brasileira é camuflado e venenoso. Ele é escondido, o que dificulta sua percepção e, conseqüentemente, sua cura. Mas está aí, e se faz presente, claro, na mídia, a qual, assim como a política, enxerga certas pessoas e outras não (FERRO, 2016, p.40).

Outro ponto de destaque que devemos entender e, que torna ainda mais complexa a análise dessa construção de notícias, é a negação do racismo. A falsa construção ideológica de uma miscigenação harmônica entre as raças. Nesse sentido, o preconceito é velado diariamente e somente através de análises que possam fugir ao senso comum é que poderemos refletir criticamente e identificar os traços de racismo manifestos no cotidiano da sociedade.

Nesse sentido, a questão que iremos aprofundar, é: como setores da mídia brasileira, em especial notícias e reportagens de determinados veículos, se articulam no processo de elaboração de narrativas quando o tema das pautas atravessa a questão do racismo. E como, a partir dessa construção de informações expostas, podem impactar pessoas pretas na construção de identidade e autorreconhecimento? Para fins de recorte do corpus desta pesquisa, iremos recorrer à análise do telejornal do canal por assinatura Globo News, mais especificamente o J10, veiculado diariamente às 22 horas. Tendo como referência a metodologia de Estudos de Caso de DUARTE (2010), mais especificamente na obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, traremos aproximadamente 04 notícias e/ou reportagens que atravessam a questão do racismo para que, a partir dessa análise, possamos compreender como a abordagem de temas relacionados ao racismo, à identidade e o preconceito racial estão presentes em narrativas protagonizadas pelo Jornal.

Ademais, a partir do pressuposto de que as notícias sobre racismo impactam pessoas negras na construção de valores identitários e autofirmativos, este trabalho busca entender como a constituição desses sujeitos sociais na mídia são abordadas em notícias e reportagens que perpassam pela problemática do racismo na sociedade brasileira, indagando como as narrativas elaboradas nessas abordagens podem se constituir como parâmetros para uma reflexão que venha questionar o racismo no meio social e, de outra parte, como podem impactar positivamente a sociedade para desconstrução de valores racistas.

No âmbito social, o tema torna-se relevante pois, ao analisarmos a construção dessas narrativas e a participação delas na vida das pessoas, será

possível entender o número de casos de racismo que continua a crescer no país, o número de assassinatos de pessoas negras, e portanto, compreender como essas notícias estão sendo construídas pelos veículos de comunicação.

De outra parte, para o jornalismo, a compreensão dos mecanismos de construção de notícias e reportagens no meio televisivo – bem como das narrativas resultantes desse processo - se revelam como um estudo relevante, uma vez que a reflexão sobre essas técnicas pode contribuir para a preparação de profissionais mais conscientes sobre o uso de signos e significados, permitindo que os mesmos sejam mais atentos e cuidadosos na forma de construir seus relatos que podem impactar a sociedade. Conseqüentemente, a prática jornalística na cobertura de temas de grande importância social, pode se tornar menos sensacionalista e mais ética. Afinal, partindo-se dos critérios de noticiabilidade, da construção de notícias e da ética jornalística, os profissionais que saem da academia têm tido consciência do dever e poder que possuem em mãos ao noticiarem os fatos e fenômenos sociais.

A partir da análise de veículos de comunicação, em específico, um conjunto de notícias e reportagens produzidas pelo Jornal da Globo News, este trabalho pretende refletir sobre a forma como os produtos jornalísticos (notícias e reportagens) sobre o racismo estão sendo produzidos e como essas narrativas podem interferir no processo social de (des)construção do racismo, da afirmação da identidade negra e do reconhecimento social.

Por fim, julgamos que desta maneira será possível identificar a contribuição de notícias na construção de identidade da pessoa negra; refletir sobre como as narrativas jornalísticas podem incentivar a população negra a resistir ao racismo e lutar pelo reconhecimento social; analisar como as notícias - a partir da temática do racismo - estão sendo construídas perante os parâmetros da ética jornalística. Finalmente, pretendemos discutir sobre o racismo contemporâneo na sociedade brasileira e sua inter-relação com os discursos midiáticos, em especial, do campo do jornalismo.

1.0 - RACISMO E ANTIRRACISMO NO BRASIL: REFLEXÕES PRELIMINARES

O racismo é, sem dúvida, uma das mais perversas heranças do processo de colonização e que demarca traços repulsivos de nosso processo histórico. É inquestionável o fato de que, em nossa história, o país escravizou, durante séculos, e excluiu pessoas negras a partir de uma hierarquização racial, na qual, os colonizadores se apresentavam como seres superiores. Mesmo após o período de colonização, o processo de inferiorização social da população negra persiste no Brasil. Em tempos contemporâneos, o racismo, de fato, não acabou. O mesmo tem assumido novas facetas, talvez se tornado um pouco mais “sutil”, no entanto, nossa estrutura social, ainda revela um racismo latente que persiste em nossa sociedade. Ou seja, podemos afirmar que, na sociedade brasileira, vivenciamos um racismo estrutural que se estabelece, de diferentes maneiras, no interior da sociedade.

Este capítulo tem como objetivo contextualizar diferentes definições e visões sobre o racismo, sem desconsiderar as práticas de antirracismo no Brasil e, a partir das reflexões desenvolvidas, encontrar os pontos em comum nos diferentes autores sobre o tema chave da discussão.

De acordo com Silvio Almeida (2023), o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento. Ele se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagem ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Tais indivíduos são sistematicamente discriminados pela falsa existência da raça branca e negra, e, conseqüentemente, pela equivocada ideia de superioridade de uma raça sobre a outra.

Portanto, podemos conjecturar que o racismo é uma prática historicamente imposta aos indivíduos, podendo ser reproduzida ou não, dependendo tanto do indivíduo quanto do ambiente em que ele está inserido. Essa perspectiva histórica tem sido um componente importante na manutenção de práticas racistas. De outra parte, como linha de fissura, observa-se o fortalecimento do movimento antirracista, que, dentre outras bandeiras, busca combater comportamentos discriminatórios.

Vale ressaltar que a ideia de racismo estrutural vem da constatação de que, historicamente, a noção da inferioridade de uma "raça" sobre a outra, foi construída através de gerações e está impregnada no imaginário social e, conseqüente, se materializa em práticas racistas em diferentes estratos e ambientes da sociedade.

Para Guimarães o racismo é uma forma “bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais” (GUIMARÃES, 1999, pp. 11-12), e que, portanto, “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria história” (idem).

A partir da noção apresentada por Guimarães, é possível inferir que o racismo é, muitas vezes, naturalizado pela imposição de conceitos e ideias na sociedade, abrangendo diversos contextos sociais e culturais. Além disso, a classe social, o ambiente ou localidade em que uma pessoa se encontra desempenha um papel significativo na forma como ela interage com indivíduos negros.

A filósofa Djamila Ribeiro diz que “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. É algo que está em nós e contra o que devemos lutar sempre” (RIBEIRO, 2019, p. 37).

A autora reforça que o ambiente em que estamos inseridos influenciam na maneira como construímos pensamentos e ações, ou seja, ao estarmos inseridos em uma sociedade majoritariamente racista, reproduzimos o que é disseminado pelo meio que está inserido. Por outro lado, é necessário que haja um processo de conscientização, identificando de que maneira o racismo vem sendo reproduzido e como combatê-lo.

A partir dos conceitos acerca do racismo e de atitudes racistas citados, é possível observar algo em comum: os mesmos retratam como a estrutura social exerce influência no comportamento e construção de pensamentos e ações do ser humano. Ou seja, parecem corroborar com a ideia de que o racismo tem uma base estrutural muito importante. Em sociedades que apresentam um histórico colonial, como a nossa, essa estrutura racista parece ser mais impactante ainda. Há, ainda, a criação de estereótipos raciais a partir do local que se cresce e vive, e esses estereótipos reforçam ideias e visões deturpadas do ser humano. De acordo com Miles (apud AUGUSTO, 2023), as ideologias são um conjunto de significados do senso comum que formam em sua estrutura estereótipos e representações sem base nenhuma.

Luiz Augusto (2023) destaca que “essa concepção de racismo "sutil ou "implícito" destaca o papel de inúmeras condutas reativas e irrefletidas para a reprodução das atitudes discriminatórias”.

O autor então traz a discussão de que o racismo pode ser compreendido em três dimensões - ideológica, prática e estrutural - apesar de existir divergência entre os autores a despeito de cada teoria, é possível usá-las como complemento uma outra para entender o racismo na contemporaneidade.

Na dimensão ideológica, o racismo é explicado pelo seu sufixo “ismo” que trás a ideia de doutrina ou crença. (Benedict, 1945, p.87 apud Augusto, 2023, p.4) defende o racismo como um dogma que o grupo étnico já está condenado a seguir, sendo de inferioridade a outro grupo. Por outro lado, (Van den Berghe, 1967, p.11 apud Augusto, p.4) define o racismo como um conjunto de crenças em que as diferenças orgânicas ou genéticas podem ser reais ou não entre os grupos humanos.

Nesses primeiros conceitos, os autores discutem o racismo à base de crenças, considerando o sufixo “ismo”, e por outro lado explicavam as práticas racistas baseada nas noções de preconceito. Mas, a discussão de outros autores como Michael Banton e Robert Miles são mais incisivas quanto às ideologias e preconceitos.

Por sua parte, Michael Banton (1970) conceitua o racismo como uma doutrina que irá determinar o comportamento humano a partir das características que são herdadas e derivadas de estoques raciais, ou seja, irá manter a relação de superioridade e inferioridade. Portanto, a partir deste termo “estoques raciais” é possível compreender que as pessoas que acreditam nesta ideologia não se veem como preconceituosas, desacreditam do conceito racismo por serem práticas naturais repassadas entre grupos por gerações.

Por outro lado, Robert Miles (2004) procura ser mais explícito ao explicar o racismo. O autor defende a ideia de racismo como uma ideologia, mas baseado no conjunto de crenças e não no conjunto de significados do senso comum que considera estereótipos e representações desestruturadas coerentes. O autor, entende que o racismo se caracteriza por seu conteúdo e tem uma base forte na ideia de raças separadas e ainda que uma delas é dada uma avaliação negativa. Portanto, reforça a ideia de superioridade entre grupos raciais.

No decorrer desta discussão de racismo com base ideológica, é chegado o ponto em que o racismo neste enquadramento é capaz de abarcar tanto as crenças como os estereótipos. George Fredrickson (1999) explica que na época atual “o racismo tende a perder o significado original [de doutrina] e se tornar sinônimo de padrões ou preservar relações desiguais entre grupos raciais”. (Fredrickson, 1999, p.71 Apud Augusto, p.5)

Complementando a ideia, Luiz Augusto advoga que o racismo

Deve ser compreendido como um fenômeno social constituído pelas relações ontológicas entre: discursos, ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideais (cultura); ações, atitudes, práticas ou comportamentos (agência); estruturas, sistemas ou instituições (estrutura). (AUGUSTO, 2017, p.14)

O ponto chave dessa discussão é que os autores levantam outro ponto crucial influenciado pelas ideologias racistas, a criação de leis, políticas públicas e práticas padronizadas a partir delas. Ou seja, este conceito está tão fundo na sociedade que torna-se difícil mostrá-lo, visto que, ele está cravejado à décadas nas estruturas sociais e nos discursos que diariamente não são vistos como racistas. Vale destacar que ainda há uma diferenciação entre o racismo e o racialismo ao considerar as ideologias racistas, ou seja, há as práticas que subordinam um determinado grupo, que é o racismo, e a discussão do termo raça.

Em seguida, à discussão do racismo quanto a sua precedência prática, em que o enquadramento se dá ao “preconceito”, portanto as reproduções e discriminações causadas pelo racismo. Neste contexto, são ressaltadas pelo autor que as práticas discriminatórias são precedidas quando se resolve mensurar o racismo na sociedade, considerando o papel das crenças que explicamos anteriormente e outra precedência seria nas atitudes emotivas, irracionais e reativas, não podendo considerar uma ideologia como causa dessas ações.

Os autores Pager e Shepherd (2008) citados por Luiz Augusto (p.182 Apud., p.6) ressaltam que as práticas discriminatórias podem ter seu embasamento no preconceito, nos estereótipos ou no racismo com base ideológica, mas que não há nenhuma causa clara. Nesse sentido, estes e outros autores defendem que não há motivos justificáveis adequados para essas práticas racistas que reforçam o tratamento diferenciado com base em “raça”, criando desvantagens para um grupo

racial. Ou seja, a discriminação - a prática em si - não possui um embasamento lógico, entretanto, gera diversas consequências por produzirem e reforçarem as desvantagens e superioridades entre grupos.

Neste tópico, há mais uma discussão, a existência de quatro exemplos de racismo, o primeiro é dado como preconceito indireto e se dá pelos comportamentos discriminatórios, ou seja, o grupo superior evita o grupo inferior por classificá-lo de certa maneira, neste caso, como pobre, portanto temos o que chamamos de racismo de classes.

Há então as respostas automáticas, neste caso são respostas ligadas a emoções, como a ansiedade e as imagens negativas que são dadas ao grupo racial. Em terceiro, há as orientações ambíguas, neste tipo de racismo, os indivíduos tentam se proteger mais do que o ato de discriminar o outro, por verem o grupo como perigoso.

E por último, tem-se a orientação ambivalente que se classifica como o tratamento diferenciado a determinadas pessoas de um mesmo grupo, neste sentido tem-se empatia por uns e aversão a outros. Normalmente este tipo de situação é vista quando determinado indivíduo negro não possui os traços tão forte, ou seja, tem pele mais clara, traços mais sutis e não é colocado no estereótipo de “perigoso”.

A questão levantada neste sentido é que as práticas racistas acabam por criar categorias sociais baseadas nas ideologias racistas e esquecem como tais atitudes não só prejudicam os grupos categorizados, mas contribuem para que seja ainda mais produzido grupos raciais que serão discriminados. Esses quatro tipos de exemplos de racismo citados, produzem o que chamamos na contemporaneidade de racismo sutil e continuamente inviabilizam grupos raciais com base nas estruturas sociais já construídas ao longo das memórias escravocratas. Por isso, é tocada a ideia de que os estereótipos raciais acabam antecipando comportamentos de um grupo sobre o outro e assim criam imagens distorcidas da realidade.

Um obstáculo encontrado pelos autores para explicar as precedências práticas do racismo a partir de pesquisas com os indivíduos é que eles têm “preconceito de ter preconceito”. A falsa ideia de uma democracia racial é possível ser enquadrada neste contexto, dificultando também que as consequências legais sejam aplicadas àqueles que praticam o racismo, por isso, o autor defende a

importância de enfatizar os atos discriminatórios a fim de traçar estratégias legais para que haja punições.

Por fim, na terceira dimensão dada pelo autor Luiz Augusto, temos a precedência do racismo a partir das estruturas, que surge a partir do momento que as práticas cotidianas racistas são enquadradas como intangíveis. Esta última dimensão é dada como a mais atual para compreensão do racismo, a mesma utiliza das ideologias e das práticas racistas como reprodutoras das desigualdades econômicas, políticas e culturais entre os diferentes grupos que foram racializados.

Neste contexto, as ideologias e práticas são fatores secundários no entendimento do racismo, aqui o racismo estrutural tem independência aos outros dois, em exemplo dado pelo autor, é quando terroristas brancos bombardeiam uma igreja negra e matam crianças negras e quando na mesma cidade 500 bebês morrem a cada ano por falta de alimentação, dormitório e atendimentos médicos básicos, direito de todo cidadão, por isso é entendido como um racismo institucional.

As lutas antirracistas de acordo com Bonilla-Silva (2006, p.229 Apud. Augusto, 2023, p.11) devem ser cultivadas, com protagonismo negro em sistemas de alianças com pessoas brancas antirracistas que podem desfiar a partir de dentro [das estruturas]. Ou seja, a pauta antirracista precisa ser uma agenda social que envolva diferentes atores e instituições na sociedade, para minar, paulatinamente, a estrutural social racista construída historicamente e que, ainda hoje, deixa seus tentáculos no imaginário e em práticas disseminadas no cotidiano.

Por fim, o autor reforça que a compreensão do racismo a partir das três dimensões não é uma articulação hierárquica entre elas e nem uma divisão de níveis de racismo autônomos, é apenas uma discussão de possibilidades de como ele está inserido na sociedade para assim compreender como a teoria do racismo se articula e atinja seu objetivo analítico. Desta forma, é de interesse que a teoria abarque todas as ideologias, práticas e estruturas racistas sem fundi-las uma com a outra, respeitando suas especificidades. Ademais, é proposto que o racismo

Deve ser compreendido como um fenômeno social constituído pelas relações ontológicas entre: discursos, ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideais (cultura); ações, atitudes, práticas ou comportamentos (agência); estruturas, sistemas ou instituições (estrutura). (AUGUSTO, 2023, p.14)

E a partir da compreensão de cada uma e o enquadramento que possui é possível compreender como o racismo vem se portando na contemporaneidade, os entraves para chegar ao seu conceito e também como dificulta as lutas antirracistas pela falta de provas objetivas em exemplo nas estruturas sociais que podem englobar outros fatores para definir as posições de superioridade e inferioridade de um indivíduo ou determinado grupo.

Como síntese das discussões até aqui apresentadas, podemos intuir que o racismo é um conjunto de ideologias, práticas e estruturas sociais que são reproduzidas desde a escravidão, tornando perceptível a senso comum a submissão de um grupo racial ao outro, e claro, os estereótipos que continuam a reforçar imagens de cunho negativo sobre o grupo negro.

1.1 Identidade, Preconceito Racial e Mídia

Neste tópico, os conceitos de identidade, preconceito racial e mídia serão interpretados, visto que irão facilitar a compreensão ao longo das discussões deste trabalho. Neste sentido, faremos uma primeira proposição relacionada à noção de identidade: em princípio, quando paramos para refletir, podemos chegar à conclusão de que identidade é como nos vemos individualmente e no mundo. Entretanto, precisamos questionar como as ideias e processos que a sociedade passou, ao longo dos séculos, influenciam nesta maneira de nos vermos.

Portanto, para entendermos onde esse questionamento busca chegar, adotaremos o conceito de identidade de Stuart Hall.

Hall (2023) explica que é necessário vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que têm perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de globalização. Silva (2023), complementa essa discussão:

Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos de história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios.” (SILVA, 2023, p.109)

A partir da ideia de representação apresentada pelo autor, podemos articular uma interpretação que nos leva ao jornalismo televisivo, questionando indagações como as que seguem: como está sendo feita essa representação na mídia? Como as narrativas têm sido contadas? Como podem acarretarem consequências a maneira que o ser humano se vê e constrói sua identidade? Silva (2023, p.110) diz que “as identidades são construídas por meio da diferença, e não fora dela”. É por isso que devemos nos atentar a maneira que essas diferenças têm sido demonstradas/frisadas na mídia que cria uma barreira entre grupos brancos e negros.

Herisson da Rocha (2023) explica que

Os meios de comunicação exercem papel muito importante nas estruturas sociais, tanto nas instituições privadas como nas estatais. Nas sociedades industrializadas, são a instituição de reprodução ideológica, talvez mais importante que o sistema educacional propriamente dito (ROCHA, 2023, p.63).

As reproduções ideológicas, que consistem em ideias, valores e princípios que a sociedade reproduz ao longo do tempo, fortalecem por exemplo, a ideia de democracia racial. Essa ideia, ou melhor, mito, trabalha com a narrativa de um país justo, onde negros e brancos convivem em harmonia, sem as amarras de patrão e subordinado. Há então essa falácia de que haja poder de escolha quanto a convivência ou mesmo trabalho para pessoas brancas.

Cabe lembrar que os discursos da mídia impactam a sociedade como um todo e não apenas o público-alvo da empresa para o qual as ferramentas ou os produtos de comunicação são elaborados. Dessa forma, os discursos da mídia influenciam a construção e a reafirmação das identidades individuais e oferecem modelos de comportamento a serem seguidos (KELLNER, 2001, p.60)

Silvio Almeida (p.25 2023) diz que “o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”. Preconceito racial costuma ser utilizado como sinônimo para racismo, por isso, deve ser elucidado para que os conceitos não sejam confundidos.

As minorias estigmatizadas [estereotipadas] tendem a assimilar os valores e princípios dos grupos dominantes, ou seja, grupos brancos pregaram suas

ideologias desde a colonização e por gerações isso vem se perpetuando na sociedade.

Os estereótipos construídos na sociedade ao longo dos anos, reforçam a ideia de que o negro é potencialmente mais perigoso, conseqüentemente esta imagem deturpada dá força ao crescente número de agressões, exclusões sociais e assassinatos (ou a tentativa deles).

1.1.1 Apontamentos sobre o racismo na mídia Brasileira

Aqui, iremos pontuar como o racismo na mídia brasileira tem sido sutil e carregado de estigmas e estereótipos que reforçam discursos racistas e como tem se mostrado. Para isso, consideramos, neste contexto, o termo 'mídia' como os diversos meios de comunicação de massa existentes, desde televisão, cinema, livros e a internet que, por sua natureza, é uma mídia multiplataforma.

Neste contexto, a discussão se baseará na estigmatização social de pessoas negras, a partir dos discursos materializados na mídia. Temos debatido o quanto as práticas racistas têm se tornando cada vez mais complexas e sutis de serem identificadas, principalmente em suas estruturas sociais, a estigmatização tem se reinventado cada vez mais e por isso é necessário discuti-la e compreender como o racismo na mídia brasileira corrobora para discriminação e prejudicam as pessoas que consomem o conteúdo.

Já afirmamos que o racismo está impregnado na sociedade brasileira. Tendo em vista toda a história de escravidão do país, é passível de compreensão que há um histórico a ser considerado quando se trata deste assunto na mídia, afinal, os diversos meios de comunicação de massa (e também os digitais) são responsáveis por disseminar informações que podem gerar impactos sociais, culturais, psicológicos e políticos, tendo um impacto benéfico ou não a determinados grupos, considerando que a maioria em cargos dominantes é branco, os resultados ao outro grupo racial não são como o esperado, mesmo o país sendo considerado democrático racialmente.

A principal questão que deve ser compreendida é, como o impacto gerado pela disseminação de informações que tenham cunho racista na mídia, vão atingir não só o público estimado [pessoas brancas de alto poder, por exemplo], mas

também aqueles que estão sendo retratados na mídia, o indivíduo que integra um grupo racial, e a partir da identificação com o indivíduo ou com a história e contexto utilizado pela mídia, esses grupos raciais estigmatizados serão afetados de maneira a mudarem seus comportamentos diante da sociedade.

“A mídia produz o ‘efeito do real’, ou seja, faz crer o que ela faz ver” (Santaella, 1996, Apud, Acevedo, Nohara, Ramuski), esse efeito faz-se lembrar da discussão de mídia como quarto poder, pois não obstante disso, é dito que aquilo que não é dito, ou disseminado pela mídia, logo, não existe. É dessa maneira que a mídia legítima e reproduz ideias, conceitos, notícias que nem sempre estão preparadas para serem disseminadas ao público.

Acevedo, Nohara e Ramuski (2023) destacam que as preocupações com o que é disseminado na mídia são pertinentes, podendo reproduzir imagens negativas de um grupo. Há uma teoria chamada de “aprendizado social” que explica que as pessoas aprendem valores e comportamentos observando outros indivíduos, logo, aquilo que eles consomem através dos meios de comunicação influencia no aprendizado delas.

Há duas teorias citadas pelas autoras que devem ser mencionadas, a primeira a teoria da cultura proposta pelos autores Gerbner, Gross e Melody (1973) explica que quando a uma exposição contínua a determinados discursos [racistas, neste sentido], podem ser criados e cultivados atitudes consistentes através do que foi consumido. Já a teoria da expectativa de Jurassic (1990), ressalta que os grupos que são discriminados tendem a se comportar de acordo com o conteúdo disseminado sobre eles, os estereótipos.

De acordo com as pesquisas realizadas por Acevedo, Nohara e Ramuski, os pretos e pardos são estereotipados ou pouco diversificados. Normalmente são vistos como atletas ou trabalhadores braçais, no cinema ou televisão como criminoso, favelado, escravo ou também o amigo do herói branco. No todo, esse grupo racial é visto como submisso e inferior a outro grupo racial dominante.

1.2 - A COR DA PAUTA: Protagonismo Negro na TV aberta e no telejornalismo

Em sequência aos adendos mostrados da posição do negro na sociedade e inferiorizado a outro grupo [branco], é possível vermos claramente as sequelas carregadas por décadas desde a escravidão sendo base para continuar a reforçar uma imagem inferiorizada do indivíduo. Quando falamos sobre o negro como protagonista de algo, logo nossos pensamentos trazem algumas profissões, que normalmente não possuem cargo de poder ou herói, mas por quê?

A TV Aberta tem evidente relevância na construção de ideologias na sociedade, através dos programas transmitidos podem influenciar na construção de pensamentos e reforçar atitudes racistas, neste sentido. (Bragas, Lopes, Martino, 2023, p. 228) destaca que os produtos televisivos são construídos na perspectiva de uma semiótica discursiva, ou seja, os textos utilizam de uma ordem lógica, formal, emocional ou moral que estão caracterizados em um universo próprio que está industrialmente construído para o mundo-mercadoria, ou seja as emissoras buscam vender seus produtos e tem um público-alvo e logicamente, produz para agradá-lo.

Para compreensão, os textos estão ligados a significação de algo e o discurso - a sua função que envolve a expressão e o conteúdo, e os textos televisuais se tornam mais difíceis de compreender, pois utilizam diferentes linguagens para passar a história ao leitor, as sonoras e visuais, trazendo diversos fatores para chegar ao resultado esperado que alcance seu público-alvo.

Neste sentido, para compreender melhor a posição do negro como protagonista na TV, Rocha (2023) nos lembra que as pessoas que detém de poder - empresários, donos de emissoras, rádios e meios de comunicação - são pessoas brancas, sendo a maioria que detém os meios. Considerando este fato, que posição o negro assumiria [considerando o histórico escravocrata] em um local que os cargos de superioridade são ocupados por pessoas brancas? A resposta é a esperada, cargos submissos e inferiorizados assim como é demonstrado em programas de TV, a ideia de favelado, pobre, perigoso é reforçada e segue reproduzindo ideologias racistas.

Trazendo ao campo de interesse, no telejornalismo essas ideologias também possuem influência e podem trazer mais malefícios ao indivíduo que é estigmatizado. Essa aceção, as ideologias predominantes racistas e ainda os

detentores de poder - produtores de texto, mídia e conteúdo - serem brancos não facilitam mostrar outro lado do indivíduo que vem sendo estigmatizado ao longo dos anos.

Cabe ressaltar que, nos últimos anos, é perceptível a presença, cada vez mais importante, de profissionais pretos e pretas inseridos nas equipes de produção dos telejornais no Brasil. Emissoras de grande cobertura nacional, mesmo que tardiamente, já incorporam esses profissionais como âncoras de grandes telejornais e repórteres em editoriais importantes. Então, cada vez mais, a representatividade social de pessoas pretas ganha incremento na mídia brasileira. Entendemos que esse processo é uma conquista concreta das lutas antirracistas e da reivindicação do movimento negro de dar protagonismo às pessoas pretas.

Por outro lado, isso também pode ser interpretado como uma forma de reparação histórica dos meios de comunicação e uma própria conjuntura internacional que entende como boa prática empresarial a representatividade. Pois bem, o fato é que esses profissionais ocupam, com maestria, esses espaços e promovem, sutilmente, uma certa mudança na abordagem das pautas jornalísticas relacionadas à questão racial.

Diante dessa constatação, nos próximos capítulos nosso interesse será em aprofundar nossa análise a partir do olhar atento e analítico para um conjunto de pautas veiculadas no Jornal das Dez, da *Globo News*. Até que ponto, a cobertura de pautas raciais tem oferecido para a sociedade uma interpretação honesta dos fatos relatados? Como essa abordagem pode impactar a visão social acerca de pessoas negras na sociedade? O telejornal pode ser um caminho para uma pedagogia de combate ao preconceito racial no Brasil? Suas abordagens podem corroborar para legitimidade de grupos sociais historicamente estigmatizados e, conseqüentemente, vítimas do racismo no país? Essas e outras reflexões serão consideradas nas ponderações que passaremos a fazer nos próximos capítulos desta pesquisa.

2.0 - DELIMITANDO O CAMPO DA PESQUISA: ESSA DISCUSSÃO TEM COR!

“O racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre grupos humanos”. Segundo essa noção de ideologia, diferenças fenotípicas aparentes (cabelo, epiderme) e culturais entre povos determinariam também diferentes níveis de inteligência e de qualidades morais de acordo com a publicação do Ministério do Trabalho - MTE (BRASIL, 1998 apud Harrison p.61). Rocha (2022) salienta que teorias como estas nasceram no momento que europeus saíam na busca por dominação de povos e terras “diferentes” e utilizam por vezes este argumento para justificar as violências que exerciam sobre os povos.

Em outra perspectiva, a filósofa brasileira Sueli Carneiro citada no artigo *O Racismo, seus desdobramentos e o direito à vida* (2021) ressalta que o racismo penetra os diferentes campos da vida social e produz seus resultados, estruturando profundamente o escopo de democracia no Brasil, reduzindo a abrangência da cidadania por estar na base da criação e manutenção de preconceitos, ou seja, ideias e imagens estereotipadas e inferiorizantes acerca da diferença do outro e do outro diferente, justificando o tratamento desigual e a discriminação.

É esta penetração, incrustada nos diferentes campos da vida social, que influencia exponencialmente o crescimento e a disseminação do racismo que cerca uma parcela importante da sociedade. As imagens e estereótipos inferiorizados são construídos e espalhados, e a mídia, enquanto importante meio de disseminação de bens simbólicos, tem influência - positiva ou negativa - nesta ação.

Não é um segredo que o país tenha preconceito racial, mesmo que não seja como nos Estados Unidos, o indivíduo negro sofre constantemente com a imagem que é passada sobre ele, através de notícias, por exemplo, onde é construído e projetado à sociedade supostos perfis de pessoas perigosas e com potencial para a criminalidade.

O racismo é preocupante e torna uma arma poderosa e cruel contra a pessoa negra. A partir da imagem construída de um indivíduo, ele sofrerá exclusão social,

rebaixamento, problemas físicos e psicológicos e conseqüentemente será cada vez mais visto com a ideia de perigoso e descartável na sociedade.

Educar o ser humano é a melhor forma de mudar um pensamento e conseqüentemente uma forma de agir. A educação é uma grande ferramenta e a forma com a qual você repassa o que foi ensinado pode mudar o rumo de uma ação.

Para esclarecimento, de acordo com Oracy Nogueira:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece (NOGUEIRA, 2022, p.294)

Com base na delimitação do universo desta pesquisa, e com o objetivo de discutir a mídia como instrumento pedagógico, apresento um trecho do artigo "O Dispositivo Pedagógico da Mídia" da autora Rosa Maria Bueno Fischer (2022) para fornecer subsídios para essa discussão. A autora explica como a educação se expande em direção à compreensão de que as perspectivas e referências sobre os modos de existência e comportamentos sociais, especialmente entre o público jovem, possuem uma relação de grande proximidade com os conteúdos divulgados pelos meios de comunicação.

Para a autora, os meios de comunicação não constituiriam apenas uma das fontes básicas de informação e lazer: trata-se bem mais de um lugar extremamente poderoso no que tange à produção e à circulação de uma série de valores, concepções, representações - relacionadas a um aprendizado cotidiano sobre quem nós somos, o que devemos fazer com nosso corpo, como devemos educar nossos filhos, de que modo deve ser feita nossa alimentação diária, como devem ser vistos por nós, os negros, as mulheres, pessoas das camadas populares, portadores de deficiências, grupos religiosos, partidos políticos e assim por diante (FISCHER, 2022).

Com base nessa concepção, podemos discutir como os valores transmitidos pelos meios de comunicação podem exercer influência na construção de comportamentos e a forma como enxergamos o mundo, especialmente quando se

trata dos outros. A mídia não é considerada o quarto poder sem motivo. Ela tem a capacidade de influenciar e moldar o comportamento de uma sociedade em relação a determinados assuntos, construindo uma visão idealizada ou distorcida do outro, conforme seus interesses. Portanto, se apresenta como relevante a necessidade de refletir sobre os detalhes da construção narrativa e televisiva, compreendendo como as informações estão sendo apresentadas ao público e quais os possíveis impactos dessa comunicação.

Para Giddens (1997), as medias, produzem "efeito de colagem", ou seja, um mecanismo de justaposição de histórias e itens que nada têm em comum além do fato de serem "oportunos" e consequentes (por exemplo, a página de jornal impresso e programas de televisão em um mesmo telejornal). O autor ainda diz que os meios de comunicação exercem importante papel para a consciência social, inclusive moldando aspectos importantes da vida em coletividade. Nas palavras do autor: "os meios de comunicação exercem papel muito importante nas estruturas sociais, tanto nas instituições privadas como nas estatais. Nas sociedades industrializadas, são a instituição de reprodução ideológica, talvez mais importante que o sistema educacional propriamente dito."

A questão é que os grandes veículos de comunicação, predominantes em nosso cotidiano, são constituídos, em sua maioria, de pessoas brancas e comandados por pessoas brancas, seguindo valores e princípios acreditados por essas pessoas. Portanto, as notícias são construídas de forma a favorecer esse público, assim como há décadas os europeus tinham predominância sobre negros.

No texto, "Racismo e mídia" o autor Harrison da Rocha traz a seguinte afirmativa do livro "Racismo y Análisis crítico de los medios" (1997):

A mídia geralmente publica assuntos referentes às instituições brancas – governo, polícia, parlamento, mas não assuntos sobre minorias étnicas. Estas fazem parte da classe trabalhadora, estão menos organizadas em instituições de poder e têm pouca influência política: as dimensões de raça e classe somadas produzem identidades sociais e, portanto, práticas sociais determinadas que refletem na escolha da matéria a ser publicada pelos jornais. Quando publicam algo sobre essa minoria, fazem-no sobre aspectos negativos tais como: distúrbios, crimes etc. A apresentação – propriedades visuais que influenciam na recepção – de notícias sobre grupos étnicos minoritários, em relação aos títulos, é maior que outras informações. Estas são publicadas em páginas internas, a menos que se trate de um crime, de violência ou distúrbio de grandes proposições. (VAN DIJK, 1997, apud ROCHA p.63)

Ou seja, essa pesquisa está, de fato, diante de uma problemática significativa: enquanto desejamos observar de perto a maneira como a mídia educa as pessoas sobre o racismo, devemos reconhecer que a grande mídia é predominantemente composta por indivíduos brancos e segue - majoritariamente - valores que perpetuam a superioridade em relação ao outro, assim como ocorreu ao longo da história do nosso país.

Por isso, nossa responsabilidade em aprimorar a capacidade de compreender e analisar o todo, a construção da imagem e dessas narrativas, analisando que estratégias e gatilhos são utilizados para repassar a notícia e sensibilizar ou melhor “educar” a sociedade brasileira. Nessa perspectiva, voltamos às análises de Fischer (2022), especificamente, no que diz respeito ao ato de observar criteriosamente a TV:

O ato de olhar criteriosamente a TV remete a um trabalho possível (e necessário) em relação a ultrapassar as chamadas evidências, a ir além do que nos é dado ver de imediato. Significa também assumir que sempre olhamos de algum lugar, a partir de um ponto de vista intuído, exercitado ou aprendido (FISCHER, 2022, P. 160).

Os autores Da Silva & Rosemberg ressaltam que a análise dos discursos e representações das relações raciais na mídia é parte de um campo de pesquisa específico que aborda a temática da equidade entre os telespectadores. Especificamente, os estudos sobre equidade visam compreender em que medida as estratégias de comunicação discriminam, exploram ou prejudicam os telespectadores. No Brasil, os estudos sobre as relações raciais na mídia têm se concentrado em contextos específicos, como telenovelas, cinema, literatura, livros didáticos, imprensa e propaganda. No entanto, o número de investigações sobre esse fenômeno ainda é bastante limitado (DA SILVA & ROSEMBERG, 2008).

Com base nas análises realizadas por esses autores em conjunto com as reportagens selecionadas para essa pesquisa, buscaremos refletir sobre identidade, mídia e preconceito racial, bem como o racismo presente na sociedade e como ele é exposto nos discursos midiáticos analisados na pesquisa. Considerando a história de escravidão do país e a percepção velada de que o racismo não existe mais, discutiremos como ele ainda está presente nos dias atuais e como a mídia, especificamente o telejornalismo, vem construindo sua abordagem a respeito de pautas raciais.

Nossa hipótese é que, enquanto instrumento pedagógico - na linha apontada por Fischer - o conteúdo de reportagens veiculadas em telejornais - podem exercer influência negativa ou positiva, a partir da forma como abordam os assuntos e os personagens. Se por um lado, temos a evidência do racismo disseminado na sociedade, por outro, temos a luta antirracista que exerce força, inclusive, sobre os meios de comunicação e forçam uma reparação histórica sobre como pessoas pretas foram historicamente mostradas nos meios de comunicação.

Dessa forma, buscamos evidenciar a necessidade de promover a conscientização da sociedade em relação às ações de exclusão e estigmatização social que são praticadas diariamente contra o indivíduo. É crucial estar ciente desse cenário e formar profissionais que busquem transformar a forma como a mídia se posiciona e constrói informações, pois a imagem divulgada tem um peso significativo sobre aqueles que a consomem. Quando um indivíduo se depara apenas com informações negativas a seu respeito, isso pode levar à autodiscriminação racial. Além da sociedade racista, o indivíduo também tende a perder a autoaceitação. Essa realidade é dolorosa e preocupante.

2.1 - Aparando as arestas: apontamentos metodológicos

Para a realização deste trabalho será feito uma análise dos discursos utilizados nos veículos de comunicação para distribuir notícias, com foco nas matérias relacionadas a racismo, que tendem a desvalorizar as minorias e legitimar estigmas sociais que busca-se excluir da sociedade.

Vale ressaltar que, ainda dentro da proposta metodológica desta pesquisa, trabalharemos com os recursos propiciados pela abordagem de “Estudos de Caso”. Ou seja, nossa proposta é intensificar a análise a partir de um meio específico (no caso, o Jornal da Globo News) e analisar um conjunto de notícias e reportagens desse meio. A técnica de estudo de caso, conforme proposto por Márcia Duarte (2010) não é uma técnica específica, mas “é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (DUARTE, 2010, p.216). A mesma autora, advoga que o estudo de caso se centra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando uma importante

via de análise prática de problemas da vida real. Entendemos que essa técnica, nos permitirá um aprofundamento de nossas análises.

Um outro fato importante é que, mesmo estudando um “caso específico” os achados da pesquisa poderão, dada as devidas reservas, servir de parâmetros para outros fenômenos que compartilhem das mesmas características do fenômeno pesquisado. Em outras palavras, podemos dizer que, por mais que estamos estudando um programa televisivo em específico, será possível ter um parâmetro mínimo de como a mídia televisiva (nesse caso, sabidamente, programas veiculados em canais pagos que visam atender um determinado público) tem tratado o tema do racismo em suas pautas.

Voltando à perspectiva da análise do discurso, reafirmamos que, de acordo com o autor Eduardo Munhões (2010) discurso significa “em curso”, em movimento e dessa maneira, a discursividade implica a compreensão de que a mensagem é construída no interior de uma conversa e é a concretização de um ato.

Discurso, enfim, é a apropriação da linguagem (código, formal, abstrato e impessoal) por um emissor, o que confere a este um papel ativo, que o constitui em sujeito de ação social. Aquele que: I. Classifica, ordena e organiza, enfim significa o mundo mostrado; II. Persuade, convence o locutor da pertinência de seu modo de classificar, ordenar e organizar o mundo mostrado; e III. Constrói uma voz, um modo de falar, um entendimento do mundo (MUNHÕES, 2010, pg. 305).

O tema se caracteriza principalmente pela construção do discurso midiático seja na TV, revista ou jornal e se destaca por de forma velada legitimar conceitos e ações da sociedade e pelo poder que possui influencia na construção de imagem do indivíduo que está sendo descrito, portanto, afeta a forma que ele se vê e em como a sociedade o verá também, posteriormente afetando psicologicamente a construção de identidade do ser.

Natasha Silva (2013) em seu estudo sobre racismo na mídia destaca que:

A mídia é um elemento chave na consolidação do racismo. São muitos os estudiosos que comprovam a influência dos meios de comunicação na maneira que as pessoas se relacionam. Os jornais, revistas e programas de televisão disseminam produtos que pretendem, muitas vezes, retratar a sociedade em que se inserem, mas essa interação entre comunicação e sociedade não é unilateral.

Para realizar essa análise será utilizado estudos de autores que trabalham a temática do racismo e a mídia de maneira interligada e autores que buscam explicar

e descrever o histórico de racismo que o país possui, são eles: Harrison da Rocha, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, Rosa Fischer, Oracy Nogueira. Vale ressaltar que o processo está sujeito a alterações e mais autores devem ser adicionados de acordo com a construção e análise da pesquisa.

Em outro ponto, será feita a análise novamente, mas desta vez a partir de um conjunto de notícias e reportagens veiculadas no Jornal da Globo News. Através da análise dos estudos dos autores sobre racismo e mídia, este trabalho também irá realizar sua própria análise dos discursos utilizados atualmente pelos veículos avaliando a propagação e legitimação das notícias, bem como os impactos que tem causado na construção de identidade dos indivíduos negros descritos.

De acordo com os autores Acevedo, Nohara e Ramuski (2010), no ensaio teórico sobre as relações raciais na mídia destacam que “As análises em profundidade dos discursos na mídia revelam a desvalorização desse grupo. Além disso, as pesquisas sobre o tema têm identificado que as novas estratégias de estigmatização dos negros na mídia são mais sutis e complexas.

“Formadora de opinião, [a mídia] direciona os sentimentos de uma massa, consciente ou inconscientemente, para os fatos que destaca, de acordo com o espaço dado para cada fato, repetição nos noticiários, entre muitos outros fatores” (FERRO, MAURICIO, 2016).

O autor Mauricio de Azevedo ainda destaca em outro trecho que “É evidente o caráter racista da mídia, que ordena através dos próprios critérios de noticiabilidade aquilo que importa, e aquilo que não importa. E, neste aspecto, o que importa é a notícia daquele que toma parte nessa partilha”.

O comunicador no sentido deste trabalho é composto pela maioria [brancos] como o autor Harrison da Rocha (2011) menciona em seu estudo, e por consequência disso torna difícil a diversidade de informações porque o poder está nas mãos de um grupo exclusivo.

Mauricio de Azevedo tem um pensamento parecido com ROCHA (2011)

Desde a abolição os negros foram abandonados à própria sorte, sem qualquer política de integração, o que seria obrigatório se o objetivo real fosse a democratização da sociedade. Dessa forma, a escravidão foi encerrada no papel, mas na prática persistiu. Essa população, lançada à liberdade da noite para o dia, não tinha condições de se integrar num mundo já dominado por brancos.

Segundo Natasha Silva (2013), “Com o poder de influenciar na política e no comportamento social, a mídia pode ser considerada um dos pilares de sustentação do racismo no Brasil”.

Todos os autores e monografias mencionadas são utilizadas como objeto de estudo para compreensão e discussão desse tema, é necessário entender todo o histórico de racismo, da mídia e de ambos de forma complementar para avaliarmos os discursos que vêm sendo construídos e principalmente, admitir que ainda vivemos em um país racista e com uma visível desigualdade social que apenas será resolvida com mudança de comportamentos e a mídia nesse sentido tem o papel de mostrar a verdade de como a sociedade é, e como deve ser para tornar a vivência entre todos melhor e diminuirmos a taxa de assassinatos de indivíduos que são julgados e caracterizados como perigosos apenas pela cor da pele.

É através desses estudos, análises e observações que podemos chegar ao objetivo geral desse trabalho, ou seja, entender e descrever como as mídias noticiam o racismo e participam na construção de identidades negras, partindo da compreensão do racismo, preconceito racial e identidade.

3 ANÁLISE DE CASOS DO JORNAL DAS 10 DA GLOBONEWS

3.1 O Jornal das 10 da rede GloboNews

Neste capítulo, buscamos desenvolver a análise a partir de um conjunto de reportagens, previamente selecionadas, e que, em conformidade com a pesquisa, tratam de temas relacionados à questão racial. Não temos a intenção de esgotar todas as possibilidades de análise, mas, prioritariamente, entender o papel do jornalismo enquanto instrumento pedagógico que pode impactar a opinião e valores de seu público, a partir da forma que desenvolve a abordagem de determinados temas. Nesse sentido, nosso foco de análise será o J10 (Jornal das Dez), cujo detalhamento, trazemos no próximo parágrafo.

O jornal das Dez - J10 - é um telejornal noturno brasileiro transmitido pelo canal pago Globo News. Em sua estrutura, na distribuição dos temas noticiosos durante a edição, conta com entrevistas, análises e comentaristas dos assuntos mais relevantes do país e do mundo que terão impacto na vida do cidadão.

A apresentação é realizada por uma jornalista, Aline Midlej, de segunda a sexta-feira em estúdio no Rio de Janeiro, no sábado e domingo há uma rotatividade entre os jornalistas Erick Bang e Leila Sterenberg.

Durante a exibição do jornal, a jornalista [âncora] entra em contato com os repórteres e analistas de cada pauta virtualmente ou presencialmente para debater o assunto. O J10 busca ser um telejornal "conversado", em um formato que lembra aspectos da mesa-redonda, ao proporcionar espaço para todos os lados serem discutidos e analisados.

A depender da pauta em destaque é chamado um grupo de profissionais/especialistas que integra a equipe para realizar uma entrevista com uma fonte pertinente ao assunto no estúdio, como exemplo, economistas que analisam o cenário do país no atual governo.

De segunda a sexta-feira, o jornal contém uma média de 120 minutos, no sábado, 60 minutos e no especial de domingo - que consiste num resumo das principais notícias discutidas na semana - costuma-se ter 50 minutos, com salvas exceções a

um acréscimo de tempo nas edições, principalmente quando a uma pauta em andamento durante a exibição do Jornal.

3.2 Justificando critérios metodológicos para a pesquisa

Nesta seção, serão apresentados os critérios metodológicos utilizados neste estudo, destacando a relevância da interface entre jornalismo e a questão racial. A metodologia adotada consistiu na seleção e acompanhamento de notícias televisivas que abordam pautas relacionadas a questões raciais, com o intuito de analisar como essas pautas são construídas e exibidas no programa Jornal das Dez (J10), veiculado pelo canal pago da rede Globonews.

Para a seleção de pautas propostas na análise, foi realizada uma busca diária através da visualização integral de 50 edições, entre o período 01/02/2023 a 10/05/2023. Nessa busca ficou evidente que há uma falta de representação constante de negros como protagonistas de maneira positiva, tanto visualmente quanto narrativamente, apesar do J10 ser um jornal politizado que se apoia em análises e debates com especialistas para abordar os acontecimentos atuais. Assim, foram selecionadas as seguintes pautas: 'Filtragem racial': Fachin vota para anular provas (02/03 e 05/03/2023); "EUA: Policiais asfixiam homem negro até a morte" (21/03/2023); "Professora acusa mercado de racismo" (10/04/2023); "Mulher que agrediu entregador tem licença suspensa" (11/04/2023); "Carrefour demite caixa suspeita de racismo" (10/04/2023); "Ex-atleta que agrediu entregador presta depoimento" (17/04/2023); "EUA: Homem é acusado por atirar em jovem negro" (17/04/2023); "Bailarina Ingrid Silva lança livro infantil" (12/03/2023).

Como critério, utilizamos do referencial teórico com autores que já têm estudado os temas racismo e mídia e a influência da televisão na sociedade, como Harrison Rocha (2011) e Rosa Fisher (2002). Esses autores, assim como os outros já mencionados e discutidos anteriormente, conformam uma base teórica para compreendermos as linhas de pesquisa, análise, métodos para discutir as notícias, além de trazer o debate e proposições da mídia televisiva.

As palavras “racismo”, “negro”, “estereótipo”, “escravidão”, “mídia”, “TV”, “Internet” são termos que habitam a atmosfera dessa pesquisa. Com atenção a elas, pretendemos desnudar a forma com que as reportagens selecionadas discutem a questão do racismo a partir dos fatos reportados. O Brasil tem um histórico escravocrata bem conhecido e, infelizmente, ainda enfrenta problemas relacionados ao racismo nos dias de hoje. As notícias recentes sobre trabalhos análogos à escravidão são evidências de que as práticas e mentalidades do passado ainda persistem em um país que se considera racialmente democrático.

Através da análise das notícias televisivas, buscamos compreender como as narrativas sobre a temática racial são construídas e apresentadas aos telespectadores. Ao examinar o Jornal das Dez, um programa de destaque na mídia, temos a oportunidade de investigar o papel do jornalismo na promoção de uma cobertura justa, inclusiva e socialmente pedagógica, sobre questões raciais.

Dessa forma, ao aprofundarmos a interface entre jornalismo e a questão racial, esperamos contribuir para o debate sobre a representação e a abordagem das questões étnico-raciais nos meios de comunicação, bem como para o fortalecimento de um jornalismo mais sensível e comprometido com a diversidade e a pauta antirracista.

3.3 Análise das pautas selecionadas

3.3.1 "Filtragem racial"

A primeira notícia publicada a ser discutida nesta seção, foi exibida no J10 no dia 02 de março de 2023. De maneira sucinta, foi dado ao público o contexto sobre o que se tratava a notícia que continha como título: *Filtragem racial: Fachin vota para anular provas*. A notícia explica que o Supremo Tribunal interrompeu o julgamento e colocou em discussão e votação a possibilidade de anular algumas provas que tenham sido obtidas por abordagem policial motivadas por racismo estrutural. No entanto, o relator do processo, o ministro Edson Fachin, foi voto vencido.

A repórter Carla Zampeli explica que o caso em julgamento, que motivou a discussão sobre invalidação de provas, foi a prisão de um homem que, em 2020, na

cidade de Bauru-SP, foi condenado a 07 anos e 11 meses de prisão em regime fechado por tráfico de drogas e ao passar pelo Tribunal de Justiça, a pena foi reduzida à dois anos e trouxe em debate o tema sobre perfilamento racial, ou seja, a justificativa dada pelos policiais foi apenas a cor da pele do homem, trazendo então o racismo estrutural como fonte desta abordagem. Neste sentido, o ministro Fachin usou este argumento no seu voto e falou como o sistema ainda estereotipiza corpos negros. Entretanto, os outros três ministros presentes, defenderam que o caso não houve racismo estrutural, não podendo assim invalidar as provas e cancelar a ação penal.

Retornando a sede do jornal, o âncora Nelson Klava recebe a comentarista Flávia Oliveira, jornalista negra, para discutir sobre o assunto. A comentarista explica que a Filtragem Racial existe, e há, pelo menos, 20 anos de estudo sobre o assunto, comprovando a ineficiência do método. também apresentou a informação de que, pelo menos, dois terços da população carcerária é composta por homens negros, algo a ser refletido.

No especial de domingo, exibido no dia 05 de março, a notícia volta a ser apresentada, desta vez com o título “*STF discute perfilamento racial*”. A âncora, Leila Sterenberg, contextualiza a notícia novamente e chama a reportagem sobre o caso que passa a ter manchete “*Rapaz é preso mesmo sendo inocente*” e na linha fina “*foi abordado porque era “parecido” com ladrão e usava boné*”.

Figura 01: Vítima de racismo é entrevistada pelo J10



Fonte: *Frame* da reportagem do J10 exibida em 05/03/2023

A reportagem inicia com as imagens de Hugo Gomes, operador de máquinas em montadora, homem agora identificado, no dia em que conseguiu a liberdade condicional, após dois meses preso por portar 1,5 gramas. No plano sequência, Hugo aparece falando sobre o caso, interagindo com a mãe e imagens de ambos em casa, com a narração da voz de Hugo de como tudo aconteceu no dia que foi abordado e preso.

A construção da pauta é interessante, através dos recursos sonoros e visuais que o jornalismo televisivo permite utilizar, a história de Hugo é contada em ordem cronológica, contextualizando o público por meio do protagonista da notícia que foi preso por ser preto.

Fisher (2022) cita a expressão “televisibilidade” de Beatriz Sarlo que descreve características utilizadas para construção de um programa, neste caso, notícias e/ou reportagens, dentre as citadas, destacamos o roteiro, sonorização, cenografia, que podem ser observados na reportagem do Hugo. Em uma das cenas, em exemplo, é mostrado Hugo vestindo o uniforme de trabalho, deixando claro ao público que ele é um homem empenhado, “trabalhador”, reforçando a ideia de inocente descrita no título da matéria.

Não podemos desconsiderar que “tais estratégias captam os telespectadores na sua intimidade, produzindo neles, muitas vezes, a possibilidade de se reconhecerem naquelas verdades ou mesmo se autoavaliarem ou auto decifrarem com relações aquele tema.” (FISHER, 2022, p.157).

A maneira como a pauta foi instruída nos chama atenção, o cuidado da jornalista que produziu ao buscar mostrar de maneira evidente à sociedade algo que continua sendo comum, sendo a abordagem policial de maneira grosseira e sem fundamentações lógicas. Outro ponto é, apesar de sabermos que historicamente o negro é estigmatizado e colocado em posição de oferecer perigo, a reportagem construída e exibida no jornal busca não reforçar esses estigmas e mostra-se contrária a essas atitudes, evidenciando ao público que não compactuam com as ações de perfilamento racial.

Buscando analisar a partir dos parâmetros da ética jornalística, o J10 construiu e exibiu a reportagem de maneira ponderada, objetiva e com uma narrativa crítica ao racismo estrutural e às ações dos policiais envolvidos. Não foram reforçados estereótipos e a pauta seguiu os parâmetros de mostrar à sociedade os fatos, cumprindo seu papel jornalístico, e considerando o meio televisivo um

instrumento pedagógico, ele atende as expectativas de gerar críticas e questionamentos sobre as abordagens policiais a determinados grupos raciais.

Outro detalhe interessante é que após a reportagem, a âncora apresenta uma *nota pé* emitida pelas Secretaria de Estado de Segurança Pública de Diadema e ao falar o que foi proferido é possível ver uma mudança clara de expressões faciais da jornalista que entregam sua discordância as palavras que está emitindo, é perceptível que a mesma não acredita ou concorda, considerando que as palavras da Secretaria vão em contramão a reportagem que acabara de ser exibida.

Analisando a reportagem por completo, foi possível destacar alguns pontos, como, a articulação do Jornal na construção de pautas com a temática racial, a não estigmatização do negro, apresentação os fatos que compõem a notícia, narrativa crítica ao assunto e posicionamento do veículo quanto a temas como este. Se, por um lado, há jornais que buscam não exprimir seus posicionamentos, o J10, por outro, reforça a ideia de jornal politizado.

3.3.2 "*Policiais asfixiam homem negro até a morte*"

Em sequência, a segunda pauta é intitulada como "*EUA: Policiais asfixiam homem negro até a morte*" na linha fina temos "*Vítima foi contida por 11 minutos em hospital psiquiátrico*". A notícia foi apresentada na edição do no dia 21 de março. Na ocasião, o âncora era o jornalista Nelson Klava que, em um primeiro momento, fez a contextualização da notícia ao público. A pauta se tratava do episódio em que um homem negro, Irvo Otieno, foi sufocado por policiais em um hospital psiquiátrico no Estados Unidos. Mesmo estando algemado e com as pernas presas a abordagem violenta durou 11 minutos. De acordo com os fatos apurados e depoimento da mãe, Irvo sofria de transtornos mentais, portanto estava claramente indefeso e sem oferecer perigo algum considerando todos os métodos que utilizaram para prendê-lo.

O jornalista após apresentar a notícia, entra em contato com a correspondente do J10 em Nova York, Candice Carvalho, que traz mais detalhes do ocorrido e atualiza o público sobre o que tem sido feito, dado que as imagens da fatídica situação foram divulgadas mostrando as dez pessoas envolvidas num ato tão violento ao ser humano, e em especial nesta situação, que se trata de um

homem negro que é visivelmente tratado como alguém que oferece perigo à sociedade.

Ao todo, sete policiais e três funcionários do hospital psiquiátrico foram indiciados. Nas imagens divulgadas, o homem é praticamente arrastado, sem cuidado algum à sua integridade física. A correspondente explica simultaneamente as imagens relatando como o episódio chegou a esse ponto. A vítima, que sofre de transtornos mentais teve uma crise em casa e a polícia que o atendeu, ao invés de procurarem de maneira lógica por um hospital, o levaram para a cadeia onde ficou por três dias detido, e pelos relatos da mãe da vítima, não teve acesso aos seus remédios que eram necessários. Somente após os três dias resolveram levá-lo ao hospital onde deveria ter acesso aos cuidados necessários, considerando estar ainda mais vulnerável por ter ficado preso e sem acesso aos remédios.

Mas como é possível ver na Edição, não há nenhum cuidado e sensibilidade com o homem e nos faz pensar em muitas coisas, Irvo, homem negro, é tratado e algemado como se estivesse oferecendo perigo, mesmo estando explícito que necessitava de ajuda médica, o tratamento seria o mesmo se ele fosse branco? É um questionamento também ressaltado pela correspondente que diz que as próprias organizações dos direitos humanos no país veem como um caso de racismo.

No retorno ao apresentador da edição, Nilson Klava, o jornalista também comenta ser um visível um caso de racismo, destacando ser mais comum do que gostaríamos a abordagem violenta de policiais nos Estados Unidos. Um tanto curioso visto que o caso anterior a este analisado [Hugo] apesar de não ter chegado à morte, também contou com uma abordagem desagradável por parte de policiais envolvendo um homem negro. Outro detalhe a ser analisado nesta pauta é a construção do título que já nos entrega ser um caso de racismo pelo sujeito da frase, o homem, já possuir um adjetivo que o identifica, 'negro', afinal, é necessário explicitar que a vítima é negra? Acredito que seja uma maneira do jornal deixar claro que situações como esta são comuns com esse grupo racial.

A decisão do jornal de identificar a cor da pele no título da notícia traz para debate a importância de debater o racismo, não é só uma maneira de identificar o homem, mas de trazer à tona um grupo racial que constantemente é agredido e colocado em posições desagradáveis na sociedade.

Ambos os jornalistas que apresentam essa pauta posicionam-se de maneira contrária à situação, considerando a posição que exercem na mídia televisiva, seguem os padrões que Fisher (2022) explica estar relacionadas às questões ligadas às formas de tratamento (gênero, raça, etnia) que estão intimamente relacionadas aos modos de representação, enunciação e a maneiras de interpretação da comunicação, influenciando, portanto, na imagem que será passada do protagonista da notícia.

É perceptível que o J10 busca ser um jornal mais conversado, dando abertura a comentários e posicionamentos de seus profissionais. Nilson Klava faz suas críticas ao policiamento cada vez mais violento nos Estados Unidos, visto que o país contém um histórico tão nocivo quanto o nosso com pessoas negras, e o racismo nos EUA assume uma feição muito mais explícita, portanto a representação dada ao racismo fora do país é mais evidente, através da escolha do jornalista em comentar o episódio.

Partindo da mídia como um instrumento pedagógico, o jornal tem se mostrado didático quanto às pautas raciais, explicando e contextualizando dos fatos aos telespectadores. Apesar dos comentários que fazem parte da redação, todos são com base em fatos e dados, deixando manifesto que o J10 não compactua com situações violentas e grosseiras. Desta maneira direciona o público a uma linha de pensamento, no contexto racial, mostra-se crítico ao racismo, incitando a reflexão dos telespectadores.

Além de destacar as práticas e mentalidades do passado que persistem atualmente, é importante reconhecer o papel fundamental do jornalismo no combate ao racismo. Sabemos que o jornalismo desempenha um papel crucial na conscientização pública, na denúncia de injustiças raciais e na promoção de uma sociedade mais igualitária.

3.3.3 “*Professora acusa mercado de racismo*”

A terceira pauta foi exibida no dia 10 de abril, com o título “*Professora acusa mercado de racismo*”. O caso chamou atenção do presidente da república que se solidarizou com o episódio de racismo sofrido pela vítima. Em contexto, a professora Isabel Oliveira acusou a rede de supermercados *Carrefour*, em Curitiba, de perseguição enquanto fazia suas compras. Em protesto a professora voltou

posteriormente e se despiu dentro do local com uma frase escrita no corpo “Eu sou uma ameaça?”

Figura 02: Vítima de racismo em supermercado faz protesto



Fonte: Frame da notícia do J10 exibida em 10/04/2023

A âncora, Aline Midlej, acentua que este tipo de situação acontece com frequência e com muitas pessoas negras por todo o país. A jornalista conta sobre a nota emitida pelo grupo Carrefour que reforça estar comprometido com uma extensa agenda antirracista, entretanto, Aline reforça que uma nota oficial não é suficiente. Aproveitando o gancho, outra notícia de racismo também é apresentada. Desta vez, ocorrida em um dos supermercados da mesma Rede, em Alphaville. O cantor Vinícius Di Paula conta ter sido vítima, pois o mesmo tentou usar um caixa preferencial visto que estava vazio, mas a atendente do caixa disse não poder atendê-lo porque poderia levar uma multa caso alguém que cumprisse os requisitos aparecesse. Desta maneira Vinicius se dirigiu ao outro caixa, mas percebeu, logo depois, que uma mulher branca que também não possuía os direitos de uso do caixa foi prontamente atendida.

Assim, o cantor cobrou uma explicação para essa situação, mas não obteve respostas. O Carrefour emitiu uma nota e disse que a operadora de caixa estava em período de experiência e foi afastada pela gerência e desligada do supermercado no mesmo dia, além disso, reforçou que promove esforços constantes de

conscientização dos colaboradores e tem uma política de tolerância zero a qualquer tipo de comportamento desrespeitoso.

A jornalista retorna ao ponto de que uma nota não é mais suficiente, considerando todo o histórico de casos ocorridos na rede de Supermercados e relembra o caso de 2020, no episódio de espancamento de João Alberto que o levou a morte, e o mínimo que se espera é de uma nota que dê conta do que tem sido feito pela Rede nesse período, desde que João Alberto foi assassinado no estacionamento e continha contextos raciais envolvidos. Por isso, a rede deve explicar o que estão fazendo, que medidas foram tomadas que claramente não obtiveram resultados vendo os recorrentes casos em diversas unidades da Rede.

Para finalizar, Aline propõe uma reflexão ao público que assiste e explica que a agenda antirracista dá trabalho e exige um compromisso diário, assim ela trás a seguinte pergunta: "Como a caixa, em treinamento, não estava preparada para aquela situação?" Por isso é uma reflexão que todos devem fazer e ressalta que combater o racismo internamente exige esforço, formações, investimentos de pessoas e recursos e é visível que não está sendo realizado pela Rede. Ao menos, não à altura do que é necessário e, por fim, complementa ser inadmissível em pouco mais de dois anos, cenas como esta sejam vistas, mesmo não sendo na mesma intensidade do caso em 2020 que levou a vítima à morte, mas que seguem machucando as vítimas.

O caso da professora Isabel teve repercussão ao ponto do presidente da república se solidarizar com o acontecimento, não desconsiderando nenhum outro caso de racismo, afinal, são constantes. Mas, não podemos chegar a pensar que chega a ser óbvio que o jornal daria mais atenção a esta pauta, e claro, seguiria com mais outra para dar a visibilidade e mostrar que não é um caso isolado?

Através de reportagens investigativas e análises críticas, os jornalistas podem expor casos de discriminação racial, destacar as desigualdades estruturais e amplificar as vozes das comunidades marginalizadas. Ao trazer à tona histórias e experiências muitas vezes negligenciadas, o jornalismo desafia estereótipos e promove uma reflexão profunda sobre as questões raciais.

3.3.4 “Mulher que agrediu entregador tem licença suspensa”

No dia 11 de abril, a pauta foi “Mulher que agrediu entregador tem licença suspensa”. Sandra Matias Correia de Sá é investigada por injúria, já possui passagens por lesão corporal, além de furto de energia no local que funciona a escola de vôlei da qual é proprietária. Ademais, responde por inquérito de fraude e licitação. O episódio foi registrado no Domingo de Páscoa (09) e a delegada já estava ouvindo as testemunhas e analisando as imagens. A âncora Aline Midlej relembra suas falas anteriores sobre combate efetivo ao racismo, mudança efetiva e na cultura racista naturalizada no Brasil, também salienta que é preciso mudar percepção social do racismo e as maneiras de responder a esses casos que devem envolver os diversos setores da sociedade, por isso a resposta dada pela Prefeitura do Rio de Janeiro, na qual suspendeu a licença, é importante e o Conselho Regional de Nutrição entendendo que devem reavaliar a filiação de uma profissional racista. Aline reforça que mudando esse padrão de resposta e ampliando o comprometimento com a sociedade é que será possível caminhar para uma mudança real e finaliza lembrando o público “Quem é racista, é criminoso”.

3.4.5 “Ex-atleta que agrediu entregador presta depoimento”

No dia 17 de abril de 2023, com o título “Ex atleta que agrediu entregador presta depoimento”, a repórter Marcelly Setúbal dá informações sobre o andamento no caso. Neste dia, em específico, as testemunhas do caso de agressão e a própria agressora são ouvidas na delegacia. Em seguida, a repórter ouve dois advogados negros que representam essa luta racial para falar sobre o caso, ambos criticam a tipificação criminal até então realizada e afirmam que a acusam deve ir além de injúria simples. Djef Amadeus, advogado do Instituto de Defesa da Pessoa Negra fala que as atitudes da agressora com os xingamentos era de inferiorizar determinado grupo [negro] em razão da sua raça, portando se tratava de um crime de racismo. Irapuã Santana, presidente da Comissão de Igualdade Racial da OAB-SP em sua fala, comenta que é chocante uma pessoa se sentir à vontade para chicotear outra e de certa maneira sair impune. E a desumanização causada pela escravidão é o que tem autorizado uma pessoa agredir outra, e neste caso, deve ser analisado por uma perspectiva racial que influencia nas nossas relações sociais.

Figura 03: Repórter entrevista advogado sobre caso de racismo envolvendo ex-atleta



Fonte: Frame da entrevista no J10 exibida em 17/04/2023

A outra pauta, também exibida no dia 17 de abril, é “EUA: Homem é acusado por atirar em jovem negro”. Um homem branco, de 85 anos, atirou em um jovem que tocou na sua campainha por engano enquanto estava indo buscar os irmãos na casa de amigos. A promotoria diz ter indícios de racismo no ataque e a apresentadora deixa claro que já está evidente, posicionando-se claramente, o caso começou a repercutir no país e ativistas e parentes se manifestaram e apesar dos ferimentos o jovem estava conseguindo se recuperar em casa.

Figura 04: Jovem no EUA é vítima de racismo



Fonte: Frame da notícia no J10 exibida em 17/04/2023

A jornalista neste, momento, ressalta como é impossível não realizar um paralelo com o caso de Max, citado logo acima, quando se trata da dificuldade da justiça em punir os agressores e chama a comentarista Flávia Oliveira, que é uma jornalista negra, amplia a discussão, iniciando sua fala contextualizando ao público que a luta contra o racismo no Brasil, por exemplo, não é recente e que debate também arcabouços legais para que a polícia possa combater essa cultura da impunidade a crimes raciais. Em específico ao Estados Unidos, a comentarista explica que há uma construção da pele negra como ameaça no país, portanto a pessoa negra não tem o direito nem mesmo de errar a porta que vai bater, pois já é vista como um potencial assassino, mesmo não possuindo arma nenhuma e nem intenção de cometer algum crime.

3.3.6 “Bailarina Ingrid Silva lança livro infantil”

A última pauta a ser analisada no corpo deste trabalho foi exibida no dia 12 de março de 2023, no especial de domingo, com o título “Bailarina Ingrid Silva lança livro infantil”. A reportagem conta a história de Ingrid, a bailarina que pintava suas sapatilhas buscando a diversidade de cores que se adequem às pessoas.

Figura 05: Bailarina Ingrid Silva lança livro infantil



Fonte: Frame da reportagem do J10 exibida em 12/03/2023

A narrativa construída nesta reportagem parte de uma premissa diferente das anteriores. Desta vez, boas notícias são dadas com relação a protagonista da

história. Assim, de maneira sutil e emocionante a história da carreira de Ingrid Silva - que iniciou ainda na infância - é mostrada ao público, e como o ato de pintar suas sapatilhas já mostrava como ela seria importante para as gerações seguintes. A história inspiradora que busca mostrar a crianças negras que elas podem alcançar o sucesso, que o balé, excepcionalmente praticado por pessoas elitistas, também (falta uma palavra aqui, creio) é ter bailarinas negras de sucesso, e tem como exemplo Ingrid que faz parte de uma grande companhia de balé clássico fora do país.

Um ponto que nos chamou atenção na pauta é que, dentre as histórias que envolvem a temática racial, é a primeira que parte de uma premissa positiva e segue por esta linha até o fim, o que mostra ao público outra perspectiva da pessoa negra, entretanto, a bonita história de inspiração da bailarina Ingrid, é a última reportagem exibida na edição, o que nos traz à tona reflexões sobre a hierarquia dada as notícias que serão exibidas, afinal, por que as pautas majoritariamente negativas estão ou no início ou no meio da edição, e as predominantemente positivas, e que trazem outros impactos a construção de identidade do negro, é a última?

O jornal tem um papel importante na representação de ideias, através dele é possível reafirmar estigmas que estão solidificados na sociedade, influenciar ideias e ações, a partir do momento que o jornalismo desempenha um papel essencial na criação de um espaço para o diálogo e o debate construtivo sobre o racismo. Ao abordar o tema de forma responsável e inclusiva, os profissionais de jornalismo podem encorajar a sociedade a confrontar suas próprias concepções e a buscar soluções efetivas.

As narrativas até o momento analisadas do jornal mostram positivas a discussão de pautas raciais, uma vez que todos os jornalistas que falaram das pautas raciais até o momento têm se posicionado de maneira a desconstruir o racismo, sem reforçar as estigmatizações impostas pela sociedade, o negro é mostrado apenas como uma vítima do sistema que vivemos. Neste sentido as notícias até aqui, contribuem ao grupo racial negro pois mostram que a luta pelo respeito e desconstrução do racismo ainda não pode parar e cada vez mais deve ser mostrado como o sistema atua, desta maneira podendo ter mudanças de dentro para fora.

Apesar das contribuições que o jornalismo, em especial o J10 que está sendo analisado, é necessário se atentar em quais momentos essas pautas estão sendo debatidas, a considerar o horário que o jornal vai ao ar, se faz necessário uma construção cuidadosa de cada pauta que será apresentada ao público, portanto, para fins de segurança, e atentando-se a importância que temáticas raciais possuem na construção de uma sociedade cada vez mais consciente e mais antirracista, é importante que dentro da hierarquia de pautas - no espelho do telejornal - essa temática seja considerada essencial.

Rocha (2011) ressalta que “a maioria dos produtores de texto, na mídia, faz parte de culturas – políticas e ideológicas – diferentes das que pertencem às minorias étnicas”, portanto, faz se necessário questionamento, quem são os responsáveis pelo espelho do telejornal? Pois bem, ainda de acordo com o autor há por trás dessas escolhas um processo ideológico, visto que geralmente quem escreve, seleciona e publica normalmente são pessoas brancas.

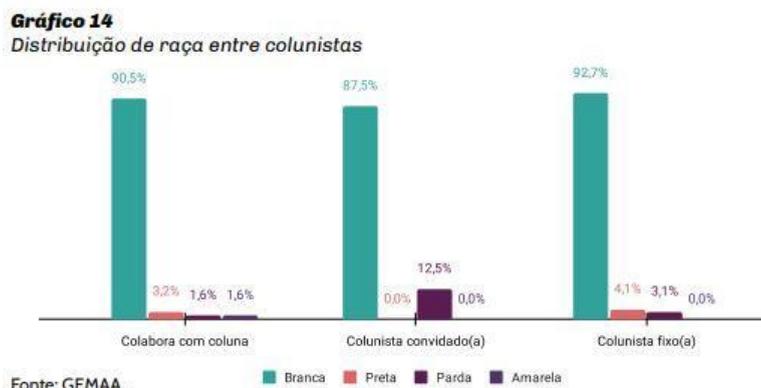
É importante ressaltar que o jornalismo precisa estar atento aos seus próprios vieses e limitações, garantindo uma cobertura equilibrada e representativa. Diversificar as redações, promover a inclusão de jornalistas negros e fortalecer a sensibilidade intercultural são passos cruciais para garantir uma abordagem mais abrangente e precisa na luta contra o racismo.

Uma pesquisa realizada recentemente pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) mostra o perfil racial dos jornalistas que escrevem, produzem para grandes jornais, o Globo é um dos jornais analisados e os dados contribuem para esta análise, na tabela abaixo é possível ver as porcentagens.

Gráfico 3
Distribuição racial por jornal e no todo da amostra



Fonte: GEMAA.



A discrepância entre os perfis é preocupante, apenas 3% dos jornalistas são pretas(os) e 9% pardas (os), enquanto 79% é regido por jornalistas brancos, e nos mostra como o autor Harrison Rocha menciona quem e para quem o conteúdo é produzido. Claro, no decorrer deste trabalho foi possível enxergar no Jornal das Dez a busca por inclusão de profissionais pretos na sua grade tanto em repórteres como em comentaristas, e dando o lugar de fala as pautas raciais principalmente a estes profissionais que tendem a ser os menos ouvidos na sociedade.

Analisando o que foi consumido até o momento, é possível propor que o J10 está buscando desconstruir a maneira como o racismo é visto pela sociedade, e por priorizar ser um jornal aberto ao diálogo, constrói suas pautas de maneira que todos possam contribuir para disseminar informações corretas e trazer reflexões ao público.

O racismo estrutural que está vigente na sociedade traz impactos positivos ao jornal, que busca abordar o tema de maneira a alertar e conscientizar. Além disso, é constantemente realizada uma análise crítica do porquê diversas situações acontecem com pessoas negras e também o que deve ser feito para evitar que seja repetido e reproduzido novamente.

3.4 Sobre narrativas majoritárias nas pautas analisadas: preconceito, estereótipos e superações

Nesta seção, iremos comentar sobre as narrativas mais presentes nas pautas analisadas anteriormente. E como os preconceitos, estereótipos e superações se fazem presentes na disseminação de notícias raciais.

No decorrer das análises realizadas, e pelo período em que o jornal foi visualizado/acompanhado, a frequência de pautas envolvendo narrativas negativas foram prioritárias, em especial envolvendo forças de segurança que não só no nosso país, como fora dele, reproduzem abordagens violentas que incluem a pessoa negra como supostamente perigosa e inferior, quanto aos seus direitos de cidadãos/cidadã. A representação contínua estabelecida na sociedade ao longo do tempo da pessoa negra como portadora de potencial perigo é tão forte que torna-se muito comum ao assistir notícias que contenham abordagens policiais. A vítima envolvida ser negra não é surpresa, e além disso, é desconsiderado o impacto físico e psicológico causado à pessoa abordada, ao grupo social que se vê constantemente marginalizado.

Os meios de comunicação, além de cumprirem com o importante papel de informar a sociedade, e de fazer uma mediação entre os acontecimentos e os cidadãos, devem cumprir também com outro papel, neste caso, de instrumento ou canais para conscientização social. Fischer (2022) ressalta que é necessário que haja no trabalho educativo uma imersão para compreender o complexo universo das significações, portanto a maneira como a mídia televisiva, os telejornais em especial, constroem suas pautas e as exibem para a sociedade.

Corroborando com a afirmação acima, Paiva (2005), enfatiza que “a mídia responsabiliza-se hoje por todas as mediações sociais, é ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares” (PAIVA: 2005; 16 apud Cíntia p.23). Ou seja, o autor reafirma a noção de que a mídia atualmente ocupa posição de destaque, e por meio dela é possível dar visibilidade a temas pouco discutidos, levando questionamentos ao público e instigando os debates sociais, como já mencionamos, aquilo não é visto, ouvido e em especial debatido pelos meios de comunicação, não existe. Por isso, o preconceito, os estereótipos e as narrativas que são sucessivamente reproduzidas pelo tempo devem sistematicamente serem

criticadas também por esses canais de grande alcance público. Deste modo, será possível sustentar a esperança por mudanças estruturantes.

Em contrapartida, as notícias utilizadas para fins de análise deste trabalho assumiram a posição de conscientização quanto aos estereótipos que são carregados e disseminados ao longo do tempo, o negro é visto como protagonista de maneira positiva, em posições de sucesso, contribuindo fortemente na construção de identidade do grupo racial e do indivíduo, que não é bombardeado a todo momento com notícias que envolvem crimes e assassinatos.

De acordo com Albuquerque (2016) a maneira que uma pessoa realiza a leitura de um noticiário tem influência das ideologias, valores e o contexto sociocultural que está envolvida, por isso uma mesma notícia pode ter diferentes interpretações. Deste modo, considerando a interpretação individual, é necessário que os jornalistas, redatores e equipe envolvidas na construção de notícias tenham ainda um cuidado redobrado, a fim de informar, mas ao mesmo tempo educar quando a notícia exibida fere, machuca ou insulta alguém ou um grupo.

Carone e Nogueira (2002 p.179) ressaltam que “a questão racial é de natureza explosiva, mesmo quando suas faíscas elétricas e as suas chamas súbitas são neutralizadas e contidas por um certo tempo, pois suas causas continuam a existir onde sempre existiram: no preconceito e na discriminação. Mas, em definitivo, a repressão não é um problema”. Portanto, as autoras reafirmam o que foi debatido, a necessidade da discussão do tema para que haja soluções efetivas.

As autores mencionam a curta e fugaz vida informação, que se torna um obstáculo para os trabalho de análise e reflexão, ou seja, as notícias são esquecidas rapidamente e os debates e análises dos comentaristas “some nas lixeiras” (CARONE, NOGUEIRA, 2002 p.179), tornando crucial que seja constante a discussão ao telespectador que tende a ter uma memória curta ao que foi consumido, a não ser, que o tema o afete.

As representações sociais vão se afirmando, reafirmando e confirmando através do lomos e ouvimos sem o trabalho da análise e da reflexão, então a vida curta e fugaz da informação jornalística se torna algo que merece a nossa atenção permanente. (CARONE, NOGUEIRA, 2002, p.180)

Tendo como premissa os casos analisados até aqui, podemos sugerir que, dadas as devidas reservas e proporções, no geral, os telejornais brasileiros - em

especial aqueles de circulação nacional e comprometidos com os preceitos éticos do jornalismo - desempenham um papel crucial na abordagem de temas relacionados ao preconceito racial. Ao trazer à tona essas questões, eles têm a capacidade de informar e conscientizar a população sobre a realidade do racismo no país. Além disso, os telejornais têm o poder de contribuir para a redução do preconceito racial de várias maneiras:

- a) **Conscientização:** Através de reportagens e coberturas aprofundadas, os telejornais podem expor casos de discriminação racial, apresentar estatísticas e dados relevantes, e destacar as desigualdades estruturais enfrentadas pelas comunidades negras. Isso ajuda a sensibilizar o público sobre a existência e a gravidade do preconceito racial.
- b) **Desconstrução de estereótipos:** Os telejornais podem desafiar estereótipos raciais e promover uma representação mais equilibrada e realista das diferentes etnias. Ao apresentar histórias de sucesso, contribuições significativas e talentos diversos de pessoas negras, os telejornais podem ajudar a combater os preconceitos arraigados e a promover a valorização da diversidade racial.
- c) **Promoção do diálogo e do debate:** Os telejornais podem oferecer espaços para discussões e debates sobre questões raciais, convidando especialistas, acadêmicos e ativistas para compartilhar suas perspectivas. Ressalta-se que esta técnica foi bastante presente nas edições do J10. Isso promove a reflexão crítica e o engajamento do público na luta contra o preconceito racial.
- d) **Responsabilidade social:** Os telejornais têm a responsabilidade de promover a igualdade racial e combater o preconceito através de uma cobertura jornalística imparcial, livre de estereótipos e sensacionalismos. Eles podem também oportunizar espaços às vítimas de racismo e denunciar casos de discriminação, incentivando a responsabilização dos culpados.

A formação de jornalistas mais conscientes e a presença de profissionais negros em posições de destaque também corroboram para mudar a forma que pessoas negras são vistas na televisão. Estes profissionais [negros] em atuação nos telejornais como repórteres, comentaristas e âncoras quebram estereótipos que inviabilizam pessoas negras, dando outra perspectiva de futuro e quebrando ciclos de inferioridade, é necessário que haja um trabalho em conjunto dos meios de comunicação com os profissionais para que torne a comunicação mais democrática e representativa para uma maioria que comumente é colocada na posição de minoria racial por não possuir representações em cargos de poder.

4.0 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto ao longo deste trabalho, podemos chegar a algumas proposições sobre as notícias e reportagens produzidas pelo Jornal das Dez que tem buscado narrativas críticas e politizadas, considerando a imagem do jornal "conversado", que se dedica a passar ao público os assuntos de maneira objetiva e clara, instigando reflexões sobre os temas debatidos.

As narrativas debatidas no corpus desta pesquisa mostram a intenção de desconstruir o racismo estrutural que está atrelado a sociedade desde a escravidão. A forma como as pautas étnico-raciais são apresentadas e as discussões acima do tema em questão mostram responsabilidade e compreensão do veículo acerca do assunto. Fisher (2022) comenta em um dos seus textos que a televisão educa, é visível no J10 as intenções de esclarecer ao público como se deve agir e respeitar o outro independente da cor da pele.

O negro(a) protagonista da história contada, por mais que na maioria delas esteja no papel de vítima devido as frequentes abordagens de perfilamento racial, atendentes de supermercado e/ou apenas pessoas racistas na sociedade, é dado o devido reconhecimento como ser humano que não merece ser menos respeitado que qualquer outro, a discussão desse trabalho tem uma cor, assim como as abordagens policiais, os atendentes de supermercado e os telespectadores.

As contribuições do Jornal ficaram evidentes, pela abertura à discussão do tema durante a edição, os apontamentos e críticas as pessoas racistas, independente do cargo que ocupam mostra o posicionamento do jornal, e como ele tem se mostrado contra a disseminação de informações que não contribuam para que as pessoas reflitam sobre o que tem acontecido com pessoas negras frequentemente em diversos lugares, estados e países.

Mas, outras proposições devem ser pontuadas, ademais suas contribuições à discussão de pautas raciais, o jornal ainda precisa ser mais atento à importância que dá a determinados casos e outros não, por que casos em que há grande repercussão nas redes geram debate e outros tão recorrentes não? É necessário que seja discutida a construção hierárquica do telejornal e compreenda os critérios de noticiabilidade escolhidos pelo mesmo.

A inserção de profissionais negros no jornal também gera grande influência aos telespectadores, e principalmente a pessoa negra, que pode ver uma outra perspectiva para sua imagem, outras possibilidades, além daquela de submissão dada ao longo da história.

A construção das pautas raciais do ponto de vista jornalístico tem se mostrado corretas pelo parâmetro estabelecido pelo código de ética do jornalismo, em exemplo no capítulo II, art. 6º, um dos deveres do jornalista é “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e a opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos”, ou seja, nas pautas analisadas percebemos que os profissionais envolvidos nas pautas em momento algum se omitiram quanto ao tema discutido, e além disso, questionaram as ações e os envolvidos, incitando o ato de pensar dos telespectadores.

De acordo com o autor Rogério Guimarães (2005 p.16) “O jornalismo é uma prática discursiva que tende a ser expressão de realidade. Isso é uma obviedade, pois ninguém se coloca, no dia a dia, em dúvida constante sobre a condição de realidade dos fatos noticiados pela imprensa”. O autor reforça neste sentido que há dentro do jornalismo um compromisso embasado na ética da profissão, portanto os profissionais se comprometem em informar e repassar ao público a verdade, ou seja, a realidade de acordo com os fatos. Guimarães acrescenta ainda que no artigo 3 do Código de Ética dos jornalistas brasileiros que a informação deve “se pautar pela real ocorrência dos fatos e terá por finalidade o interesse social e coletivo”.

Neste sentido, ao realizar as críticas durante a exibição do jornal, os âncoras, como Aline Midlej, mulher negra, Nilson Klava, homem branco, incitam que o público repense nas práticas antirracistas, já que determinadas atitudes são condenadas, portanto outras [atitudes] contrárias a estas devem ser realizadas.

Assim, de maneira conjunta o telejornalismo brasileiro e os profissionais que ocupam os lugares de poder e destaque ao se posicionarem e discutirem as temáticas raciais, torna cada vez mais fácil chegar a soluções efetivas. Incitar o debater, instigar e questionar o que atualmente é feito ou deveria ser feito quanto as representações de negros na mídia já torna o próximo passo mais fácil, além disso, a ocupação de profissionais negros no telejornalismo também colabora para que novas perspectivas sejam vistas pelo público e possibilita a quebra de estigmas que foram solidificados ao longo da história, este é o primeiro passo na busca para

reforçar a construção de novas gerações que busque por uma sociedade antirracista.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, Claudia Rosa; NOHARA, Jouliana; RAMUSKI, Carmen Lúcia. Relações raciais na mídia: um estudo no contexto brasileiro. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 10, n. 19, p. 57-73, jan. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 maio 2023.

FERRO, M.D.A. Racismo na Mídia: Um estudo da cobertura midiática nas mortes do médico Jaime Gold e dos Jovens Gilson Dos Santos e Wanderson Martins. 2016. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5633/3/MFerro.pdf>>. Acesso em 27 de maio de 2023.

FISCHER, R.M.B. **O dispositivo pedagógico da mídia**. v28, n1. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/88GzhyjNGG9pLt6NQchCf3j/?lang=pt>>. Acesso em 27 de maio de 2023.

FANON, F. **Pele negra máscara brancas**. [s.n], 2008. 193 p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2023.

DUARTE, M. Y. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. [S.l Atlas, 2010. 408 p. Acesso em 27 de maio de 2023

NOGUEIRA, O. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. tempo social, revista de sociologia da usp, v. 19, n. 1, p. 207 – 308. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?lang=pt>>. Acesso em 27 de maio de 2023.

Portela, Poema; Sá, Izabele; Feres Júnior, João; Lemos, Fernanda & Mina, João Pedro. Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil? (GEMAA), IESP-UERJ, 2023, p. 1-21. Disponível em: <<https://gemaa.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2023/05/TD-Raca-e-Midia.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

SILVA, N. Í. R. da. Racismo na mídia e a representatividade (ou não) de MV Bill. 2013. Dissertação (Comunicação Social). Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/4083/1/NSilva.pdf>>. Acesso em: 27 de maio de 2023

ROCHA, H. da. **Racismo e Mídia**. 2011. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/1392/1504>>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

OSÓRIO, M. V. D. S. **Racismo e mídia: pesos iguais e medidas diferentes: análise de notícias dos portais g1 e r7 sobre a abordagem jornalística de acordo com a cor da pele e a condição social.** 2021. Dissertação (Comunicação Social). Disponível em:
<<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/20416>>. Acesso em: 27 de maio de 2023

GUIMARÃES, A. S. A. **Preconceito de cor e racismo no Brasil.** Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/ra/a/B8QfF5wgK3gzDNdk55vFbnB/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de maio de 2023..

CAMPOS, L. A. **Racismo em três dimensões.** v.32, n. 95, 2017. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/8YsCLH9MsCZ3dPWC47JLmFd/?format=pdf>>. Acesso em 27 de maio de 2023.

GUAZINA, L. O Conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, v. 1, n. 1, p. 49 – 64, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/2469/1287>. Acesso em: 27052023.

LEMOS, Andrey R. C; MELO, B. S. A. de. O racismo, seus desdobramentos e o direito à vida. **Revista Matria.** Disponível em:
<<https://www.cnte.org.br/index.php/publicacoes/revista-matria/revista-matria-2021/73770-artigo-o-racismo-seus-desdobramentos-e-o-direito-a-vida>> Acesso em: 31 de maio de 2023

CEHMOB et. al. **Doença Falciforme: Enfrentando o Racismo.** Disponível em:
<nupad.medicina.ufmg.br/wp-content/uploads/2016/12/3_FOLDER_RACISMO.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2023

ALBUQUERQUE, C. G. **A representação do negro no telejornalismo brasileiro.** 2016. Monografia (Comunicação Social) — Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em:<<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6492/1/CAlbuquerque.pdf>>. Acesso em: 01 de junho de 2023.

GUIMARÃES, R. B. **As limitações para a imparcialidade jornalística.** 2005. 39 p. Monografia (Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) — Universidade Federal de Goiás. Disponível em:
<<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4129/5/TCC%20-%20Jornalismo%20-%20Rogerio%20Borges%20Guimaraes.pdf>>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

CARONE, I.; NOGUEIRA, I. B. Faíscas elétricas na imprensa brasileira: a questão racial em foco. In: CARONE, I.; NOGUEIRA, I. B. (Ed.). **Psicologia Social do racismo.** [S.l.]: Editora Vozes, 2002. cap. 8.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: HALL, S. (Ed.). **Identidade e diferença.** [S.l.]: Editora Vozes, 2014. cap. 3.